



DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO: IMPASSES E PASSOS

Por: Gilbraz Aragão¹

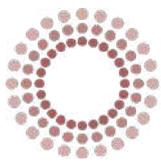


APRESENTANDO OS DESAFIOS

A paz na Terra depende, em grande parte, do diálogo entre as religiões. E são muitos os desafios que o mundo enfrenta no campo (da falta) do diálogo inter-religioso. Não bastassem os conflitos econômicos e políticos, a China e a Coreia do Norte perseguem ideologicamente os grupos espirituais tradicionais. O Irã e a Arábia Saudita apadrinham a versão de uma religião e perseguem muçulmanos dissidentes, cristãos e baha'is. O Paquistão condena à morte quem os extremistas denunciam por blasfêmia, normalmente xiitas, cristãos, hindus e ahmadis. Na Síria e Iraque o grupo Estado Islâmico desencadeou ondas de terror contra yazidis, cristãos e xiitas, bem como contra os gays e as mulheres. Budistas radicais na Birmânia agredem os muçulmanos rohingya. Na República Centro-Africana, milícias cristãs destruíram quase todas as mesquitas do país. Na Nigéria, o Boko Haram continua a atacar cristãos e inúmeros muçulmanos que se opõem ao grupo. Muçulmanos e judeus continuam se confrontando na Palestina. O extremismo político-religioso também aterroriza Europa e EUA – e não são apenas os ditos muçulmanos antiocidentais que o promovem: grupos que se proclamam cristãos matam médicos que defendem os direitos reprodutivos.

* - A série Lendo e Refletindo é uma iniciativa do Observatório Nacional de Justiça Socioambiental Luciano Mendes de Almeida (OLMA), que busca socializar, através de sucintos textos, reflexões pertinentes às diferentes práticas e/ ou pensamentos ligados ao conceito de justiça socioambiental, economia solidária, educação popular, diálogo Inter religioso, educação para as relações étnico raciais, povos tradicionais, trabalho em rede, cenários políticos e administrativos nacionais, entre outros. A submissão de textos é aberta a quem interessar e não apresenta estrutura prévia obrigatória, estando ao livre estilo do autor. Se você tem interesse em enviar-nos um texto, ficaremos muito agradecidos: olmacomunica@jesuitasbrasil.org.br / Para ler os textos já disponibilizados acesse: <http://olma.org.br/serie-lando-e-refletindo/>

¹ - Professor da Universidade Católica de Pernambuco, coordenador do Observatório Transdisciplinar das Religiões no Recife.



No Brasil, as denúncias de discriminação e intolerância religiosa aumentam e a maioria dos fatos envolve o Povo de Santo das religiões afro-indígenas-brasileiras, com cultos de imprecizações “cristãs” contra os seus Terreiros e agressões aos seus símbolos e aos seus membros. Não se trata de criticar as pessoas que gostam do evangelho e criam comunidades em torno dele para promover mais vida, mas de questionar um projeto de dominação político-cultural articulado por algumas lideranças evangélicas e católicas, que consiste inclusive em um cisma com respeito à tradição profética do cristianismo. Pois elas opõem um “Deus” pai sério e punitivo a uma divindade amorosa de justiça e compaixão; manifestam um apego teológico ao pecado original, contra uma espiritualidade da criação e sua compreensão de bênção original; pregam a intolerância ao estrangeiro e ao “estranho” moral, contra o abraço ao feminino e aos outros gêneros; estimulam o medo da ciência, ao invés do incentivo à sapiência; anunciam uma igreja exclusivista, rígida e hierárquica, contra os movimentos inter-religiosos em favor da terra eco-consciente.

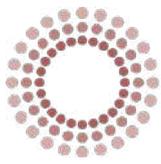


RECUPERANDO A HISTÓRIA

Vivemos em um contexto cultural ainda muito cristão e católico. No missal romano antigo, com efeito, éramos convidados a rezar todos os dias pelos católicos e somente uma vez ao ano pelo resto da família humana, na sexta-feira santa. Nesse dia se rezava pelos “cismáticos”, pensando-se nos cristãos ortodoxos do Oriente, pelos “heréticos”, pensando-se nos protestantes, pelos “judeus pérfidos” e, pelos “pagãos”, pensando-se nos adeptos das outras religiões do mundo. E se pedia que o Deus Todo-poderoso retirasse a iniquidade dos seus corações e que, deixando seus ídolos, eles se voltassem para o verdadeiro Deus, o Deus vivo, e para o seu Filho único, Jesus Cristo, nosso Deus e Senhor.



Tal liturgia projetava os católicos como “filhos da luz”, e deixava o restante da humanidade nas trevas. Olhando o mundo desta perspectiva, pareceu justo que as nações cristãs da Europa tivessem submetido e colonizado os outros continentes: isso abria as portas para a missão da Igreja. A teologia subjacente enfatizava, na mais perfeita boa consciência, que nós reconhecemos Jesus como o Salvador do mundo, o único Mediador entre Deus e os homens. Tornou-se famoso o ditado de Cipriano, “Extra Ecclesiam Nulla Salus”, muito embora, o Concílio de Trento tenha chegado a formular a noção de “batismo de desejo”, como válvula de escape teológico para a salvação dos pagãos do Novo Mundo.



Frente a essa fase exclusivista e eclesiocêntrica de até pouco tempo, levantou-se o inclusivismo de Karl Rahner e Henri de Lubac, lembrando que o Verbo de Deus ilumina todo ser humano nascido neste mundo, que Jesus anunciou as Bem-aventuranças como caminho de santidade oferecido a todo ser humano e que Deus reconciliou em Cristo todas as coisas, na terra e nos céus. O Concílio Ecumênico Vaticano II, em 1965, lembrou então as “sementes do Verbo” presentes em todas as culturas e religiões e, a partir daí, ficou conhecida a teoria de Rahner sobre os “cristãos anônimos”. Até então, acreditava-se de fato que Deus havia revelado em Jesus Cristo e até o último apóstolo, pelo Espírito, um depósito de informações verdadeiras frente às quais deveríamos ter fé - enquanto consentimento racional e aderência sentimental -, tratando de adequar-nos moralmente a tais verdades.

Depois do Vaticano II, deve-se conceber a Revelação como uma verdadeira pedagogia divina: é o Espírito Santo que nos permite interpretar os “sinais dos tempos” e, numa certa altura do esperançoso compromisso prático para com a defesa da vida no mundo, acreditarmos que aquele grito que despertou a nossa práxis amorosa é sagrado, ou seja, percebermos que dentro da nossa relação amorosa fala-nos processualmente uma Palavra - Revelação - diferente, que causa diferença na vida. De forma que a Palavra de Deus não está presente só nos “livros sagrados”, nem somente na literatura cristã.

Existem teólogos, assim, que consideram Jesus não como expressão “constitutiva” e sim “normativa” da graça salvífica. Jacques Dupuis, Michael Amaladoss e Edward Schillebeeckx não insistem, por esta razão, na inclusão das outras religiões no cristianismo, mesmo ficando “limitadas” frente ao cristianismo. Para eles, nas religiões, acontecem autênticas manifestações de Deus, completadas

e levadas à perfeição no mistério de Jesus Cristo. Há até quem afirme que “o mistério de Cristo inclui todas as manifestações de Deus na história, não apenas as realizadas em Jesus”. Jesus seria a manifestação de Deus em toda sua profundidade, mas não em toda sua extensão, por conta da “ké-nose”, ou esvaziamento, que deriva da sua encarnação particular.

“Ao contrário da tese exclusivista tradicional ‘Fora da Igreja não há salvação’, ou melhor pontuando a tese inclusivista mais recente ‘Fora do Cristo não há salvação’, Schillebeeckx propõe (...) uma tese mais radical ainda: ‘Fora do mundo não há salvação’. Para este autor, ‘quem ofende e profana este mundo comete, sob o ponto de vista teológico, um pecado contra o Criador do céu e da terra, contra Aquele que muitos indivíduos chamam, ainda que com nomes diferentes, Deus’. A salvação, para Schillebeeckx, não pode vincular-se exclusivamente às religiões e às igrejas, mas reporta-se ao mundo e à história, que para ele são a base de toda realidade salvífica”².

Assim, hoje, cristãos mais amadurecidos têm uma crença mais razoável (se sigo a Jesus, posso encontrar uma vida boa, verdadeira e abençoada pelo seu caminho de amor, mas entendo que outros possam igualmente descobrir outras espiritualidades válidas) e até mais pluralista (há algo da consciência de Cristo em todos os seres e culturas, sendo o cristianismo uma de suas interpretações) e inclusive mais integral (a espiritualidade também se verifica na profundidade da observação científica e nas relações intersubjetivas profundas, podendo-se mesmo conceber uma “missa sobre o mundo” para além das místicas explicitamente eclesiais).

² - TEIXEIRA, FAUSTINO. *TEOLOGIA DAS RELIGIÕES*. SÃO PAULO: PAULINAS, 1995, p. 113.

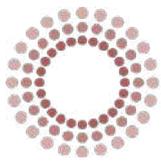


APONTANDO NOVOS HORIZONTES



O diálogo inter-religioso, que vem transformando teologias e práticas católicas e cristãs, foi despertado pela consciência moderna da pluralidade religiosa desde o Parlamento Mundial das Religiões, realizado nos Estados Unidos em 1893. Esse movimento cria relações entre participantes de tradições espirituais distintas e acontece em vários níveis ou formas. Independentemente da maneira em que se concretiza, a prática dialogal traduz um espírito de abertura, hospitalidade e cuidado. Uma importante forma de diálogo acontece no âmbito da cooperação religiosa em favor da paz. Trata-se de um diálogo de obras, envolvendo ações e colaboração comum em favor de um mundo mais humano e justo. Uma outra forma de diálogo ocorre a nível dos intercâmbios teológicos. Trata-se aqui de um diálogo envolvendo especialistas e peritos das várias tradições religiosas. O objetivo deste diálogo consiste em confrontar, aprofundar e enriquecer os respectivos patrimônios simbólicos. A um nível mais profundo encontra-se o diálogo da experiência religiosa. Aqui se dá o encontro de pessoas profundamente enraizadas nas suas tradições para viver e compartilhar com outras as experiências de oração, contemplação e fé, bem como a forma de envolvimento destas experiências com a vida concreta.

O grande obstáculo ao avanço das diversas frentes do diálogo são os seus pressupostos filosóficos, mais precisamente a lógica ocidental da identidade, que inviabiliza toda compreensão alterativa e plural no entendimento da salvação: se meu caminho é bom, o outro deve ser ruim ou limitado. Contudo, a situação de pluralidade que cresce em todas as culturas provoca debates e confrontos inter-religiosos, buscas de orações e engajamentos comuns, que acabam engendrando, apesar de tudo e cada vez mais, ensaios de místicas trans-religiosas. O transreligioso traduz um caminho espiritual para outros, decifrando o significado que os une, embora igualmente os ultrapasse, desenvolvendo místicas que vão além da própria referência teológica de crenças e ritos, rumo a uma dimensão maior e aberta, de experiência espiritual comum entre e além das religiões, incluindo as vivências pós e não-religiosas. A transreligiosidade, por seu turno, enquanto reflexão sobre esse movimento cultural



e espiritual, desenvolve-se a partir da transdisciplinaridade, que é uma modelização de sistemas complexos de pensamento, apoiada em uma metodologia que comporta a compreensão de níveis de realidade e percepção e os integra pela lógica do Terceiro Incluído. A transdisciplinaridade³ transgride as fronteiras de cada ciência disciplinar e constrói um novo conhecimento “através” das ciências, um conhecimento integrado em função da humanidade, resgatando as relações de interdependência.

“A transdisciplinaridade operacionaliza uma nova forma, complexa, de ver e entender a natureza, a vida e a humanidade. Ela engendra uma lógica ternária para administração de controvérsias e estimula a construção do saber através de campos inter ou transdisciplinares. Isso porque busca a unidade do conhecimento, entre e além das disciplinas científicas, incluindo a nossa subjetividade e as sabedorias tradicionais, para ajudar a encontrar sentido na existência. A transdisciplinaridade reivindica a centralidade da vida em toda discussão, propondo uma mudança na compreensão do conhecimento: como relação entre sujeitos e objetos, atenta ao contraditório em tudo, mas aberta à sua superação em outros níveis de realidade - pela inclusão de um Terceiro termo lógico”⁴.

Enquanto modo para pensar o diálogo, a transdisciplinaridade se desdobra em uma atitude transcultural e permite fundamentar uma mística transreligiosa. Em um mesmo nível de realidade, religiões diferentes seriam possivelmente antagônicas e excludentes, mas se considerarmos outros níveis, surge um “Terceiro” que, incluído, as pode reconciliar. Trata-se da base antropológica

que constitui a todos e exige uma hospitalidade e comunhão ética, ou da altitude mística para cujo silêncio e sonho comum colaboram os sons diferentes de todas as tradições espirituais. A lógica do Terceiro Incluído, debruçada sobre o fenômeno das religiões e as contradições que surgem do seu pluralismo, remete à busca de um plano mais sutil, àquela ética do amor, que pode religar crenças doutrinariamente antagônicas em uma fé que se faz silêncio místico ou atitude de cuidado pelos outros e pelo nosso meio e permite o acesso ao sagrado, aos portais para o mistério da vida e da realidade, acesso à zona de resistência misteriosa que religa sujeito e objeto. Por aí, analogicamente, passa a experiência do divino mais autêntico, por entre e para além das religiões.



³ - CF. NICOLESCU, BASARAB. O MANIFESTO DA TRANSDISCIPLINARIDADE. TRIOM: SÃO PAULO, 1999.

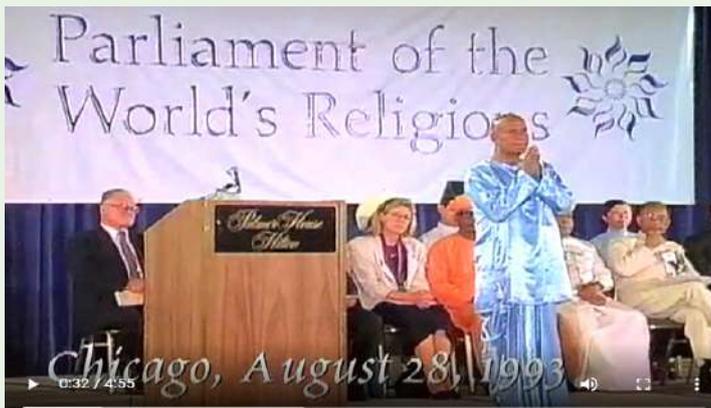
⁴ - ARAGÃO, GILBRAZ; SOUZA, MAILSON. TRANSDISCIPLINARIDADE, O CAMPO DAS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO E SUA APLICAÇÃO AO ENSINO RELIGIOSO. ESTUDOS TEOLÓGICOS, V. 58, P. 42-56, 2018. P. 44.



Com base nesses princípios e modelos, as diversas tradições espirituais e religiosas podem exercer, pela sua abertura ao diálogo, um importante papel na humanização - e espiritualização - da Terra. As crises do nosso tempo desafiam as religiões do mundo a lançar uma nova força espiritual que transcende a fronteiras religiosas, culturais e nacionais para uma nova consciência da unicidade da comunidade humana. Os povos e a terra inteira estamos ligados pela mesma origem em um quase-nada-caótico, de sorte que juntos é que devemos encarar nossa comum missão de salvar e aprimorar a qualidade profunda da vida, de espiritualizar o mundo.

COMPARTILHANDO MARCOS NA CAMINHADA

E podemos logo evocar quatro laboratórios que confluem para essa contribuição das religiões em vista da defesa, entre e além das diversas espiritualidades, da dignidade humana e da justiça socioambiental, da humanização da existência. Dois deles são representativos de movimentos deflagrados por estudiosos das religiões e os outros dois são resultantes de eventos de promoção do diálogo inter-religioso.



Abertura cerimónia 1993

<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/11/Chicago-Parliament.webm>

O primeiro, resultante dos esforços de Hans Küng e da sua construção de uma teologia inter-religiosa e de uma ética intercultural, está expresso na Declaração de Ética Mundial do Parlamento das Religiões Mundiais, que já em **1993** defendeu que não há nova ordem mundial sem uma ética mundial, que o desafio básico é que todo ser humano tem que ser tratado de forma humana, em vista do que devemos assumir quatro preceitos inamovíveis: compromisso com uma cultura da não-violência e do temor diante da vida, compromisso com uma cultura da solidariedade e uma ordem econômica justa, compromisso com uma cultura da tolerância e uma vida de veracidade, compromisso com uma cultura da igualdade de direitos e do companheirismo entre homem e mulher.

“Reiteradas vezes, e em diversos lugares deste mundo, observamos que líderes e adeptos de religiões instigam à agressão, ao fanatismo, ao ódio e à xenofobia; e inspiram e legitimam até mesmo confrontos sangrentos e marcados pela violência. Usurpa-se a religião para fins meramente voltados à conquista do poder político, até o extremo da guerra. Isso nos causa grande repugnância. Condenamos todos esses desenvolvimentos e declaramos que isso não tem que ser assim. Já existe uma ética capaz de oferecer orientação diversa à desses desdobramentos globais funestos. Embora essa ética não ofereça soluções diretas para todos os imensos problemas mundiais, oferece a base moral para uma ordem individual e global melhor: uma visão capaz de afastar homens e mulheres do desespero, e as sociedades, do caos. Somos homens e mulheres que professam os mandamentos e práticas das religiões mundiais. Afirmamos já haver um consenso entre as religiões, capaz de constituir a base para uma ética mundial: um consenso fundamental mínimo, no que diz respeito a valores obrigatórios, parâmetros inamovíveis e atitudes morais básicas”⁵.

⁵ - PARLAMENTO DAS RELIGIÕES MUNDIAIS. DECLARAÇÃO DE ÉTICA MUNDIAL. CHICAGO: PRM, 1993. DISPONÍVEL EM: <[HTTPS://WWW.WELTETHOS.ORG/1-PDF/10-STIFTUNG/DECLARATION/DECLARATION_PORTUGUESE.PDF](https://www.weltethos.org/1-PDF/10-STIFTUNG/DECLARATION/DECLARATION_PORTUGUESE.PDF)>. ACESSO EM: 19/05/2019. P. 9.



O segundo, fruto da militância de Karen Armstrong e da sua história comparada das religiões, está expressa na Carta da Compaixão e nos diversos movimentos e intervenções organizados, desde 2009, em torno a uma Regra de Ouro comum às principais religiões do mundo:

“O princípio da compaixão é o cerne de todas as tradições religiosas, éticas e espirituais, concludo-nos a tratar sempre todos os outros da mesma maneira como gostaríamos de ser tratados. A compaixão nos impele a trabalhar incessantemente com o intuito de aliviarmos o sofrimento do nosso próximo, o que inclui todas as criaturas, de nos destronarmos do centro do nosso mundo e, no lugar, colocar os outros, e de honrarmos a santidade inviolável de todo ser humano, tratando todas as pessoas, sem exceção, com absoluta justiça, equidade e respeito”⁶.

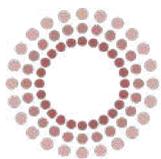
O terceiro, oriundo da Conferência das Religiões do Mundo, que reuniu estudiosos das religiões em 2016 em Montreal, para pensar no fator religioso depois do “11 de setembro” pelo mundo afora, promulgou uma “Declaração Universal de Direitos Humanos pelas Religiões do Mundo”, em cujo preâmbulo defende:

“Considerando que é essencial incluir as religiões do mundo como recursos positivos em matéria de direitos humanos; considerando que as comunidades de fé determinaram que levar a vida plenamente em consideração abrange o bem-estar material, bem como social, cultural, comunitário, ambiental e espiritual; considerando que as religiões instam os seres humanos a criar e sustentar uma sociedade justa, onde os direitos humanos fundamentais são promovidos e protegidos; con-

siderando que as religiões do mundo ensinam a verdade fundamental sobre a unidade da família humana; considerando que as diversas comunidades que compõem a população mundial devem intercambiar não apenas ideias, mas também ideais; considerando que a base de consciência das pessoas de fé foi afetada devido ao fracasso de indivíduos e autoridades das religiões do mundo em questões de defesa dos direitos humanos, e as atrocidades e ferimentos dos direitos humanos que os mesmos cometeram em nome da religião, incluindo atos de terrorismo; considerando que certas formas de extremismo ideológico violento, tanto religioso quanto secular, continuam a ameaçar o exercício dos direitos humanos; considerando que os direitos humanos de uma pessoa merecem proteção independentemente dos deveres que essa pessoa cumpre e que a concepção e aplicação dos mesmos mantêm uma relação integral com o exercício de deveres morais e legais; considerando que as religiões reconhecem que o exercício pleno dos direitos humanos depende do cumprimento de deveres em diferentes níveis da sociedade; considerando que a falta de reconhecimento e reparação das injustiças cometidas contra as vítimas de racismo, sexismo, discriminação religiosa, nacionalismo, classismo, castrismo e qualquer outra forma de opressão vai contra o exercício pleno e a prosperidade dos direitos humanos; a seguinte Declaração Universal dos Direitos Humanos pelas Religiões do Mundo é proposta como complemento à Declaração Universal dos Direitos Humanos adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas”⁷.

⁶ - COUNCIL OF CHARTER FOR COMPASSION. CARTA PARA A COMPAIXÃO. BAINBRIDGE ISLAND: CFC, 2009. DISPONÍVEL EM: <[HTTPS://CHARTERFORCOMPASSION.ORG/CHARTER](https://charterforcompassion.org/charter)>. ACESSO EM: 19/05/2019. P. 1.

⁷ - GLOBAL CONFERENCE ON WORLD'S RELIGIONS. UNIVERSAL DECLARATION OF HUMAN RIGHTS BY THE WORLD'S RELIGIONS. MONTREAL: GCWR, 2016. DISPONÍVEL EM: <[HTTP://WORLDSRELIGIONS2016.ORG/](http://worldsreligions2016.org/)>. ACESSO EM: 19/05/2019. P. 6.



O quarto, resulta do documento firmado em 2019 no encontro do Papa Francisco com o Grande Imam de Al-Azhar Ahmed Al-Tayyib: eles assinaram uma declaração conjunta que marca a história das relações entre o cristianismo e o islamismo, convidando os fiéis das maiores religiões do mundo para um caminho compartilhado de combate à miséria, à exploração e à degradação:

“A fé leva o crente a ver no outro um irmão que se deve apoiar e amar. Da fé em Deus, que criou o universo, as criaturas e todos os seres humanos – iguais pela Sua Misericórdia –, o crente é chamado a expressar esta fraternidade humana, salvaguardando a criação e todo o universo e apoiando todas as pessoas, especialmente as mais necessitadas e pobres. Partindo deste valor transcendente, em vários encontros dominados por uma atmosfera de fraternidade e amizade, compartilhamos as alegrias, as tristezas e os problemas do mundo contemporâneo, a nível do progresso científico e técnico, das conquistas terapêuticas, da era digital, dos mass-media, das comunicações; a nível da pobreza, das guerras e das aflições de tantos irmãos e irmãs em diferentes partes do mundo, por causa da corrida às armas, das injustiças sociais, da corrupção, das desigualdades, da degradação moral, do terrorismo, da discriminação, do extremismo e de muitos outros motivos. De tais fraternas e sinceras acareações que tivemos e do encontro cheio de esperança num futuro luminoso para todos os seres humanos, nasceu a ideia deste «Documento sobre a Fraternidade Humana»⁸.



OFERECENDO UM TESTEMUNHO

À guisa de conclusão, ousamos repartir também o testemunho do nosso próprio envolvimento com o diálogo. Desde 2005 começamos um grupo de estudos na Universidade Católica de Pernambuco, que se reúne toda quarta à tarde em busca de novas lógicas e dinâmicas para o diálogo inter-religioso. É formado por estudantes do Programa de Ciências da Religião, mas também por militantes de um ecumenismo mais amplo no Recife. Desenvolvemos dissertações e teses sobre o assunto, mas igualmente documentários e assessorias, sempre trabalhando por uma fé esclarecida e pela coexistência das pessoas com diferentes tradições de fé - inclusive aquelas não ou pós-religiosas.

⁸ - PAPA FRANCISCO E AHMAD AL-TAYYIB. DOCUMENTO SOBRE A FRATERNIDADE HUMANA. ABU DHABI: VATICAN, 2019. DISPONÍVEL EM: <[HTTPS://PRESS.VATICAN.VA/CONTENT/SALASTAMPA/IT/BOLLETTINO/PUBBLICO/2019/02/04/0097/00199.HTML#PORT](https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2019/02/04/0097/00199.html#port)>. ACESSO EM: 19/05/2019. P. 3.

⁹ - <https://www1.unicap.br/observatorio2>



Temos um site na internet⁹, onde compartilhamos vários subsídios sobre as religiões de nossa região e, também, problematizamos questões que as atravessam, como os desafios de gênero, as compreensões de sacrifício, os entendimentos da educação religiosa. Descobrimos que o Ensino Religioso nas escolas pode ser um grande multiplicador do diálogo entre culturas e religiões: por isso militamos para que ele deixe de ser catequese de igrejas e se assuma, pedagogicamente, como aprendizagem crítica sobre as experiências espirituais da humanidade.

Resultou de nossas ações uma rede de Feiras das Religiões nas escolas públicas, já premiada pela Secretaria de Educação. Também ajudamos na fundação do Fórum Diálogos para promoção da diversidade religiosa, que reúne cerca de quinze grupos espirituais em Pernambuco. E estamos colaborando ainda para o Parque das Religiões, um museu em movimento que vai surgindo com processos de pesquisa e divulgação, com uma sede que será em Igarassu, mas igualmente representações e exposições que já estão se espalhando e envolvendo as pessoas que querem conhecer melhor o desenvolvimento das religiões; suas divindades e palavras inspiradoras; os espaços, calendários e rituais sagrados; as visões da vida para além; a vivência comunitária e ética nas tradições espirituais; seus conflitos, sincretismos e diálogos místicos. Trata-se de um vasto projeto de educação sobre o que as culturas manifestam como divino.

O nosso projeto foi batizado como Observatório Transdisciplinar das Religiões no Recife, está situado na UNICAP, a Católica de Pernambuco, que é uma Universidade dos jesuítas, e por isso colaboramos também na área das Relações Étnico-raciais e Diálogo Inter-religioso do OLMA, o Observatório Nacional de Justiça Socioambiental Luciano Mendes de Almeida, da Província Brasil da Companhia de Jesus. Estamos emaranhando os nossos trabalhos nessa rede e com ela vamos multiplicando forças e aprofundando as ações na linha da justiça socioambiental, vinculando assim as práticas de superação das injustiças presentes em nossa herança histórica e reproduzidas pelo atual modelo de desenvolvimento neoliberal, gerador de desigualdades sociais, exclusões culturais e agressões ambientais.

Participamos desse mutirão, para somar e refletir sobre as ações da rede, junto com o Grupo Inter-Religioso de Diálogo da UNISINOS e os Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas das Universidades inicianas, que trabalham a coexistência entre culturas e religiões. E percebemos, cheios de contentamento, que o diálogo inter-religioso e intercultural é chamado a criar ambiência mística de compromisso, entre e para além dos caminhos de fé, com a frente ecumênica e ecológica que o Papa Francisco aponta na carta “Sobre o Cuidado da Casa Comum”.

Enfim, desejamos ajudar a somar e multiplicar na busca por uma espiritualidade dialogal e transreligiosa. Há quase 15 anos o nosso Observatório vem ajudando a cruzar caminhos entre e para além das religiões: afinal, os templos apontam para o além e se ficarmos apenas olhando os templos, perdemos o mistério sem fim da realidade e o seu reflexo, em nosso interior, na natureza e na história, nos olhos do outro!

⁹ - <https://www1.unicap.br/observatorio2>



Para saber mais

ARAGÃO, Gilbraz; SOUZA, Mailson. Transdisciplinaridade, o campo das Ciências da Religião e sua aplicação ao Ensino Religioso. *Estudos Teológicos*, v. 58, p. 42-56, 2018.

ARAGÃO, Gilbraz. Sobre epistemologias e diálogos. In: CRUZ, Eduardo; DE MORI, Geraldo (Orgs.). *Teologia e Ciências da Religião*. São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte: PUCMinas, 2011.

ARAGÃO, Gilbraz. Do transdisciplinar ao transreligioso. In: TEPEDINO, Ana e ROCHA, Alessandro (Orgs.). *A teia do conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2009.

Site do Observatório na Internet: <https://www1.unicap.br/observatorio2/>

Revolução Laudato Si'

Você sabe o que é essa Revolução?

A união de franciscanos/as e jesuítas na “Revolução Laudato Sí Brasil” insere-se em um movimento internacional – a “Laudato Sí Revolution” – e reveste-se de um grande simbolismo, por aproximar os carismas e as forças dos dois grandes santos fundadores - Francisco e Inácio – que se refletem na imagem do Papa Francisco que personifica os dois, enquanto jesuíta escolhendo o nome de Francisco.

Tal união propõe uma “revolução” que incorpora uma profunda mudança de paradigma no relacionamento com a Terra, nossa “casa comum”; em defesa dos pobres e excluídos, concebendo-os como interlocutores e não apenas destinatários; em defesa dos povos indígenas e outras minorias; e, enfim, em defesa da democracia e contra todo tipo de autoritarismo.

Para os idealizadores da união entre franciscanos/as e jesuítas, a “Revolução Laudato Sí” está

alinhada em dois caminhos vigorosos movidos por duas espiritualidades que são intensamente convergentes. “Desde o Santo de Assis e o Santo de Loyola, até nossos dias, existe algo de muito profundo que interconecta estes dois caminhos e as práticas que lhes são inerentes, em um natural enriquecimento mútuo. A família inaciana e a família franciscana se percebem unidas, especialmente, no cuidado com os dons da criação, com a casa comum e com a construção de relações justas e respeitadas”, explicam.

À frente da organização da Revolução Laudato Sí Brasil estão o Serviço Interfranciscano de Justiça, Paz e Ecologia da Conferência da Família Franciscana no Brasil (Sinfrajupe), o Observatório Luciano Mendes de Almeida (OLMA), articulador da Rede de Justiça Socioambiental dos Jesuítas, e o Movimento Católico Global pelo Clima. São parceiros o programa MAGIS Brasil e a Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE).



OLMA

Observatório Nacional
de Justiça Socioambiental
Luciano Mendes de Almeida



Você sabe
o que é essa
Revolução?



Laudato si'
REVOLUÇÃO

REALIZAÇÃO



SINFRAJUPE



OLMA



MOVIMENTO CATÓLICO
GLOBAL PELO CLIMA

APOIO

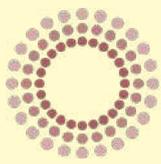


Faculdade Jesuíta
de Filosofia e Teologia

MAGIS
BRASIL



Acesse:
facebook.com/revolucaolsbrasil



Série

Lendo e Refletindo



OLMA



A série Lendo e Refletindo é uma iniciativa do Observatório Nacional de Justiça Socioambiental Luciano Mendes de Almeida (OLMA), que busca socializar, através de sucintos textos, reflexões pertinentes às diferentes práticas e/ ou pensamentos ligados ao conceito de justiça socioambiental, economia solidária, educação popular, diálogo Inter religioso, educação para as relações étnico raciais, povos tradicionais, trabalho em rede, cenários políticos e administrativos nacionais, entre outros. A submissão de textos é aberta a quem interessar e não apresenta estrutura prévia obrigatória, estando ao livre estilo do autor. Se você tem interesse em enviar-nos um texto, ficaríamos muito agradecidos: olmacomunica@jesuitasbrasil.org.br

Para ler os textos já enviados acesse a página da série:
<http://olma.org.br/serie-lendo-e-refletindo/>

RECEBA UM LIVRO EM CASA!

Com o objetivo de incentivar a leitura e discussão dos mais variados temas de interesse comum, o OLMA oferece junto com a “Série Lendo e Refletindo” um programa onde qualquer pessoa tem a possibilidade de escolher e receber um dos livros oferecidos (via correio, em todo território nacional) sem custos. **VEJA COMO FAZER:**



1. Preencha o formulário a partir do link abaixo, comentando algo sobre *esta publicação*.
2. Além disso informe seus dados e indique quais livros, entre os disponíveis, desejaria receber via correio (não haverá custos).
Se durante o trimestre você for sorteado, ganha o livro disponível de sua preferência - na ordem que indicar - e o recebe em casa (junto com mais alguns brindes surpresa).

A biblioteca com os livros para escolha está em continua atualização. **Acesse** a página do programa de doação para conhecer todos os detalhes:

<http://olma.org.br/livros-programa-de-doacao-olma/>

Preencha um formulário por publicação do OLMA (conheça no link todas as publicações que fazem parte do programa neste trimestre e **aumente suas chances**).

COMPARTILHE ESTA IDÉIA!